

Recensão a *Atrás da Porta e Outras Histórias*, de Teolinda Gersão¹

João de Mancelos
(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Conto, literatura portuguesa contemporânea, Teolinda Gersão

Keywords: Short story, Portuguese contemporary literature, Teolinda Gersão.

O conto é uma das formas de escrita mais difíceis, mesmo para autores com vasta experiência. Devido à brevidade do texto, todos os elementos (personagens, enredo, espaço e tempo) detêm um peso maior do que numa novela ou num romance. De facto, uma narrativa extensa admite múltiplos tons e atmosferas, ritmos e alterações cronológicas, actantes e lugares. Pelo contrário, numa história curta, a *unidade* é um requisito incontornável para que o texto resulte. Perante esta rigorosa concisão, o autor deve ponderar, com cautela, o que incluir, remover ou enfatizar. Neste contexto, a escritora norte-americana Lorrie Moore argumentou, com graça: “Um conto é um caso amoroso, um romance constitui um casamento; uma história é uma fotografia, uma narrativa extensa é um filme”.

Embora o panorama da literatura portuguesa das últimas décadas seja riquíssimo em poetas e romancistas, não inclui um número apreciável de autores de contos. No entanto, quem se debruçar sobre a produção literária dos últimos vinte anos, não deixará de reparar nos nomes de João de Melo, Lídia Jorge, Miguel Miranda, Inês Pedrosa, Gonçalo M. Tavares ou Teolinda Gersão, que obteve o Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, com *Histórias de Ver e Andar* (2002).

Atrás da Porta e Outras Histórias, o mais recente livro desta última autora, apresenta quatorze pequenas obras-primas sob o signo da melancolia. São contos protagonizados por homens ou mulheres comuns, que procuram encontrar uma saída para o quotidiano asfixiante da vida e descobrir um sentido para a existência. Um brevíssimo preâmbulo estabelece a temática que percorre todos os textos:

Se um dia te encontrares numa caverna ou túnel completamente escuro e sufocante escolhe uma direção e segue-a até onde a força e a esperança te aguentarem: resiste agarrando-te às paredes, escavando em volta, rastejando na lama, nadando em poços ou correntes de água que subitamente te arrastem, a ponto de te sentires morrer. Resiste, apesar de tudo, e não cedas. Contra todas as

¹ Mancelos, João de. “Recensão a *Atrás da Porta e Outras Histórias*, de Teolinda Gersão”. *Cintilações: Revista de poesia, ensaio e crítica* 3 (2019): 202-208. ISSN: 2018-850X.

expectativas, há uma possibilidade, ainda que remota, de conseguires sair da escuridão, mesmo que, fora de ti, não haja nenhuma luz. (p. 5)

Pretendo abordar esta coletânea através de uma visita às principais histórias que a compõem, realçando os temas, personagens e enredos, no conteúdo, e as marcas singulares e estratégias narrativas da escritora, no estilo.

O primeiro conto, “O dador”, aborda a transitoriedade do tempo e o irremediável vazio experienciados por quem contempla o passado. A autora recorre ao ponto de vista da primeira pessoa, um método que gera empatia entre a personagem e o leitor. Para tal contribui o estilo escorreito, confessional, típico de um adulto que recorda, nostalgicamente, a juventude. O enredo é minimalista, tal como sucede com a generalidade das histórias do livro, privilegia menos a atividade e mais a dimensão psicológica do actante.

Nos verdes anos, o protagonista efetuara diversas doações de esperma, com o frívolo objetivo de adquirir uma prancha nova de *skate*. De início, este propósito conduz a uma sensação de euforia e orgulho viril pela quantidade de filhos que teria feito a mulheres anónimas. No entanto, com o passar dos anos, os casamentos falhados e as relações inconsequentes, sobrevem a melancolia. O narrador interroga-se acerca do destino das crianças que gerou e nunca conheceu — tão anónimas quanto ele. No término desta reflexão, encontra em si um amor paternal insuspeitado:

Houve sobretudo um [filho], penso às vezes, que não chegou a nascer, e toda a gente, a começar pela mãe, já o esqueceu. Mas para mim não deixa de existir e creio mesmo que é o meu favorito. Comprei para ele uma caixa de música minúscula, do tamanho de uma caixa de fósforos, e há muitas noites em que a ponho a tocar rodando uma pequena manivela, uma vez e outra, até ele adormecer. (p. 13)

O conto seguinte, “As gaivotas”, ilustra na perfeição o irreprímível desejo de fuga sentido por numerosos indivíduos da antologia. O protagonista é um funcionário sem nome de uma empresa também não identificada, estratégia que o enquadra na categoria de uma personagem-tipo. Este suporta com estoicismo uma palestra empresarial, tão maçadora quanto inútil: “Nada do que o conferencista dizia se poderia rigorosamente executar na prática” (p. 16). De súbito, observa algumas gaivotas nadando no jardim: deslizam na superfície do lago, matam a sede, mergulham a cabeça, prazerosamente. Gera-se um contraste entre o funcionário aprisionado na monotonia da jornada e a liberdade selvagem dos animais.

Esta rotina asfíxiante prolonga-se após o trabalho, em casa, com as crianças barulhentas e a esposa exausta. A fresta por onde avistara as aves, não diverge da tela da TV a que assiste, noite após noite: em ambos os casos, a salvação encontra-se sempre demasiado distante.

Deprimido, o protagonista verifica a impossibilidade de fuga, nesta meditação final:

Onde quer que estivesse, pensou com esforço porque o sono começava a assaltá-lo, nunca havia uma nova realidade a descobrir. Vivia-se dia após dia dentro de um pequeno *écran*, ao lado dos outros, que igualmente viviam dentro de um pequeno *écran*. (...) E quando se chegava, fatigado, a casa, havia a esperá-lo como objetivo máximo a desejar, outro pequeno *écran* como o que neste momento tinha à frente. E daí a nada iria desaparecer no escuro, quando ele ou a mulher não conseguissem resistir mais, e um deles tocasse, ao de leve, num botão. (p. 22)

O conto “Atrás da Porta” é um dos mais extensos da obra e também aquele que lhe concede título. O enredo explora um assunto amplamente abordado em todas as artes: a loucura destrutiva. Neste contexto, o protagonista coloca ao seu psiquiatra uma questão provocatória: foi ele ou o mundo que endoideceu?

Num solilóquio ao estilo de “stream of consciousness”, o doente mental discorre acerca da atualidade, focando-se na natureza desumana da guerra, no fim de contas, a forma mais completa de loucura:

Veja o que me ocorre, porque é a única explicação que encontro: imagine que as guerras se fazem só para ganhar dinheiro, para testar novas armas, fazer explodir as obsoletas e correr a fabricar mais, para uso próprio e do inimigo. Porque na verdade deixou de haver inimigo, nós mesmos nos tornámos o inimigo. Vendemos assim armas para ambos os lados dos conflitos, e nem contabilizamos as nossas baixas, porque acreditamos que as do outro lado serão sempre maiores. Tornámo-nos uma máquina autodevoradora, antropofágica. (...) Vivemos, por isso, numa guerra constante, os breves períodos de paz só existem para fabricar e aperfeiçoar novas armas, cada vez mais mortíferas. As que ontem eram proibidas são hoje permitidas, ontem nucleares, hoje químicas ou biológicas, amanhã serão outras, porque a máquina não pára, e é para a servir que existimos. (pp. 33-34)

No final, perante esta reflexão *lúcida*, o psiquiatra fica mais perturbado do que o suposto doente, e concede-lhe implicitamente razão. Foi o mundo que ensandeceu, através da ganância capitalista e dos negócios despudorados da guerra. Esta realidade é tão frequente e difundida pelos meios de comunicação que o indivíduo comum acabou por ficar anestesiado, aceitando-a de forma acrítica.

O conto que encerra a coletânea, “Dona Branca e os Prestidigitadores”, constitui um caso raro de uma história biográfica. Tal como o título indica, o enredo centra-se na célebre “banqueira do povo” que, na década de oitenta, promoveu um esquema em pirâmide, com avultados juros para quem lhe confiasse as economias. O seu negócio de empréstimo —

benemérito, segundo alguns; fraudulento, para outros — atingiu tal dimensão que o ministro das Finanças se sentiu obrigado a esclarecer os portugueses. A narradora autodiegética apresenta-se nestes termos: “Eu, Maria Branca dos Santos, nascida em 1911 no Hospital de São José, que comi o pão que o diabo amassou e mesmo assim passei fome, que sabia assinar o meu nome, mas nem sabia ler, tive alegadamente a força de um terramoto e diziam que era responsável por tudo” (p. 119).

Gersão empreendeu uma pesquisa diligente para escorar o enredo. Contudo, a sua perspetiva não é, nem poderia ser, a de uma *historiadora*. Em vez disso, opta por dar voz à figura ficcional da Dona Branca, mostrando-a como uma mulher do povo, que sofreu a pobreza, ao longo de quase um século, da monarquia à república. Desejosa de uma maior justiça social, concebeu um plano, que, no início, resultou. Posteriormente, quando o negócio assumiu proporções desmedidas, perdeu o controlo e foi enganada pelos colaboradores. A boa-fé e a ingenuidade são apanágio da protagonista, em flagrante contraste com a corrupção dos banqueiros de hoje — que, ironicamente, não são punidos:

Existem pessoas que são, portanto, uma nova espécie de prestidigitadores (...): fazem aparecer dinheiro onde ele não está, e num segundo transferem-no para qualquer parte do mundo, para uma multiplicidade de empresas de fachada e contas falsas, de testas-de-ferro ou de homens de palha, o nome pouco importa, a chave de tudo é a prestidigitação — que não está em manuais nem livros, é transmitida boca a boca, em círculos muito restritos e à porta fechada, envolvendo todo o tipo de serviços secretos e decidindo, à volta de uma mesa, o destino de biliões de habitantes do mundo. (pp. 110-111)

Ao dar voz à figura da Dona Branca, ao expor as suas motivações quixotescas, nas antípodas dos atuais magnatas, Gersão constrói uma das personagens mais autênticas da coletânea, finalizando-a com chave de ouro.

O contista inglês Neil Gaiman afirmou: “As histórias são pequenas janelas para outros mundos, outras mentes, outros sonhos. Constituem viagens que o leitor pode empreender para os cantos mais longínquos do universo e, ainda assim, estar em casa à hora do jantar”. Neste espírito, *Atrás da Porta e Outras Histórias* prima por ser um livro onde as narrativas são breves, mas não menos atentas ao mundo hodierno. Nelas, pontificam personagens tão reais que, sendo de papel e tinta, parecem de carne e osso. Debatem-se com problemas íntimos, como a solidão e a infidelidade, ou pugnam contra questões de relevo internacional, com destaque para a guerra e a corrupção.

O estilo ora é coloquial, perfeitamente adequado aos narradores autodiegéticos, ora meticuloso e, em todas as ocasiões, vívido. A clareza estilística, prescindindo da pirotecnia

verborreica, o cuidadoso uso do “mot juste” e a atenção aos pormenores, onde Deus e o Diabo residem, tornam a leitura fluída e agradável. Destas belas páginas, ressumam, pois, o talento e a experiência de Teolinda Gersão, uma autora ímpar no panorama literário português e além-fronteiras. São contos para ler, reler e meditar.

Ref.^a: Gersão, Teolinda. *Atrás da porta e outras histórias*. Porto: Porto Editora, 2019. 124 pp.